

## Vai na fé: ética amorosa na amizade entre mulheres negras

*Vai na fé: loving ethics in friendship between black women*

### ANA PAULA NUNES

Professora no Curso de Cinema e Audiovisual da UFRB. Líder do Grupo de Pesquisa Quadro a Quadro - projetando ideias, refletindo imagens. Coordenou a Mostra de Cinema Infantojuvenil de Cachoeira – ManduCA (2018-2022). Pós-doutora em Antropologia (UFF). Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), com Doutorado Sanduíche na Universidade do Algarve, Portugal. Mestre e graduada em Comunicação/ Cinema pela UFF. Email: anapaulanunes@ufrb.edu.br

### RESUMO

Este ensaio se propõe a refletir sobre a novela *Vai na fé*, de autoria de Rosane Svartman, sob a perspectiva de uma ética amorosa - como defendida por bell hooks (2021) e por Renato Nogueira (2020) - com o recorte da amizade entre mulheres negras, dando destaque à relação entre as personagens Sol e Bruna. Na análise desta teledramaturgia, a música se sobressai como elemento narrativo e expressivo que contribui para a construção dessa comunidade amorosa.

**Palavras-chave:** Vai na fé; ética amorosa; amizade.

### ABSTRACT

*This essay aims to reflect on the soap opera *Vai na fé*, written by Rosane Svartman, from the perspective of a loving ethic - as defended by bell hooks (2021) and Renato Nogueira (2020) - with the focus on friendship between women black, highlighting the relationship between the characters Sol and Bruna. In the analysis of this television drama, music stands out as a narrative and expressive element that contributes to the construction of this loving community.*

**Keywords:** *Vai na fé; loving ethics; friendship.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Se o desamor está na ordem do dia, falar de amor é revolucionário”. (Silvane Silva)

Sou de tradição noveleira de família. Meu prazer era assistir a novelas e depois comentar com minha mãe pelo telefone. Desde de sua morte, de tempos em tempos me permito acompanhar uma novela e me sinto reconectada com essa lembrança-afeto de mãe.

Assim comecei a assistir à novela *Vai na fé*<sup>[1]</sup>, que estreou dia 16 de janeiro de 2023. Já no primeiro capítulo, a novela me chamou à atenção porque não se concentra em vingança ou tramas extraordinárias abordando assuntos imponentes. *Vai na fé* trata de uma história prosaica, a história de Sol (Sheron Menezes), que na juventude subia nos palcos de bailes funks que marcaram os anos 2000, mas atualmente canta no coral de uma igreja evangélica e vende quentinhas com a amiga da juventude, Bruna (Carla Cristina Cardoso). A família de Sol passa por dificuldades financeiras quando ela recebe o convite para trabalhar com o cantor Lui Lorenzo (José Loreto). Sua vida dará uma reviravolta, aproximando-a do seu passado e do antigo namorado Ben (Samuel de Assis), atualmente advogado de sucesso, casado com Lumiar (Carolina Dieckmann). Ben ainda é amigo de Theo (Emílio Dantas), empresário corrupto, que desde a juventude atormentava Sol, separando os namorados. Este último representa o vilão na história, um personagem mergulhado no desamor: mentiras, inveja, ciúmes, egoísmo e desrespeito em todos os âmbitos da vida.

Para usar as palavras de bell hooks, trata-se de uma novela que defende uma ética amorosa, ou seja, “pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente”. (hooks, 2021, p. 123) Mas não fica só no plano dos discursos, a novela evidencia que amar é ação. A personagem Sol expressa, claramente, seu propósito de priorizar uma prática amorosa na vida e busca manter a coerência entre os valores que defende e suas escolhas, suas ações.

Nos termos de Renato Noguera (2020), *Vai na fé* cultiva emoções amorosas, ensinando uma agricultura de afetos positivos. Com base na filósofa burquinense Sobonfu Somé, em seu livro *O espírito da intimidade*, Noguera argumenta que o amor é uma forma de catalisar o bem-estar, mas que “a garantia de bem-estar não é uma responsabilidade individual: a harmonia da vida depende dos outros, que nos ajudam a encontrar nosso caminho” (2020, p.24). O amor é aquele afeto que possibilita que o sujeito não exploda, nem imploda, ou seja, que mantenha o equilíbrio. A personagem Sol prioriza esse equilíbrio durante todo o enredo, sempre com a ajuda da comunidade que a cerca.

Pedindo licença para discordar de Arlindo Cruz<sup>[2]</sup>, quando canta que ninguém nunca conseguiu definir o que é o amor; bell hooks não só define, como afirma: “Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa

definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar” (2021, p. 55). E mais: “Imagine quão mais fácil seria aprender como amar se começássemos com uma definição partilhada” (hooks, 2021. p.46). Eis então uma definição: o amor é compreendido por hooks como “o desejo de alimentar o próprio crescimento espiritual ou o de alguém, demonstrado por gestos de carinho, respeito, conhecimento e tomada de responsabilidade”. (2021, p. 168) Ou ainda para Noguera:

O amor é como uma montanha. O ato de amar é a aventura existencial de escalá-la devagar com alguém do nosso lado. Ao longo da jornada, nos aproximamos cada vez mais do outro, passando a conhecê-lo mais e melhor. Para os dagara [povo proveniente do oeste da África, ao qual a filósofa Somé pertence], mais do que viver um romance, amar é um *percurso de intimidade*.” (2020. p.25)

Abraçar uma ética amorosa é colocar todas as dimensões do amor citadas por hooks em prática na vida cotidiana, nos percursos de intimidade que constituem o fundamento de nossa jornada. Neste sentido, *Vai na fé* é concebida com ações ordinárias recheadas de alegria e coragem para enfrentar as desigualdades e agruras da vida comum, valorizando o amor-próprio, a espiritualidade (independente da religião da personagem principal) e a importância de se construir uma comunidade amorosa em torno de si. Nas próximas páginas, o destaque recairá sobre a magnitude da amizade entre mulheres negras dentro dessa comunidade, especialmente a amizade entre Sol e Bruna, uma relação que possui mais força e presença que o amor romântico ao longo da trama.

Defende-se, aqui, que a referida novela desempenhou um papel político relevante por partilhar uma definição de amor-ação para as(os) telespectadoras(es) brasileiras, tão mergulhadas no medo e desamor nos últimos tempos<sup>[3]</sup>. Para Noguera (2020), o medo é o inverso do amor, não o ódio, como costumamos pensar. Para o autor, amor e ódio fazem parte da mesma energia pulsional. Amar é assumir a nossa fragilidade, assumir o que há de mais humano em cada um de nós, abrindo mão do poder e do controle.

Mas como isso se dá a ver na telenovela?

Imbuída desta pergunta, foi empreendida uma análise textual (STAM, 2003; AUMONT e MARIE, 2009), principalmente, do primeiro e último capítulo da novela em busca de resposta. Junto de referências contextuais e paratextos como a imagem do cartaz de divulgação (NUNES, 2016)<sup>[4]</sup>, concluiu-se que tal ética amorosa se dá a ver por meio de uma trama implicada com conexões de amizades amorosas e uma linguagem narrativa e expressiva permeada pela música. Ambas, trama e linguagem, são traduzidas como práticas da diversidade e da liberdade, bem como constituídas por uma corporeidade fincada em pequenos gestos do cotidiano, como será desenvolvido a seguir.

## TRAMA E CONEXÕES DE AMIZADE

A novela começa com o relógio da Central do Brasil, um símbolo do deslocamento centro-periferia do Rio de Janeiro. Do alto, vemos algumas ruas, como veias urbanas ao som de Aretha Franklin cantando *Hello, sunshine* (1968). No chão da vida, entre relógio marcando 30°C e outras imagens do movimento da cidade trabalhadora, vemos uma parati vermelha com duas mulheres e gestos cotidianos, como um braço para fora da janela indicando ao guardador de carros que querem a vaga para estacionar. Abre-se o porta-malas e a *soul music* dá lugar a um ritmo de funk. As primeiras personagens a terem voz são a protagonista Sol e sua amiga Bruna, vendendo quentinhas e cantando adaptações funkeiras de comidas populares: “Glamorosa, a quentinha de frango, poderosa, tempero radiante, nos envolve e nos fascina, esse empadão, coca-cola bem gelada, sobremesa de quindão...”.

As duas ensaiam uns passinhos de funk, entre a venda de uma quentinha e outra, e a novela nos leva para um *flashback* com ambas mais novas chegando a um baile funk, sentindo-se poderosas e glamorosas. Elas formavam um trio de amigos com Vitinho (apresentado como está atualmente no final desse mesmo capítulo), o trio do poder. A música nos remete aos anos 2.000, com o sucesso de MC Marcinho.

Essa cena pode ser associada ao curta-metragem *Esperando sábado* (2016), documentário de Erica Sansil, que demonstra como o baile funk é algo esperado e desejado por mulheres negras que, juntas, se empoderam e se acolhem após uma semana desgastante de trabalho.

Voltando ao primeiro capítulo, assim como Sol retorna das lembranças do *flashback*, a personagem Lumiar passa pelo carro, como se elas fossem invisíveis, apesar de Sol oferecer uma quentinha à possível fregueza. Bruna pontua que “essa daí” não come do frango delas, só come em restaurante chique. Junto com a câmera, olhamos para cima, desvelando um prédio arranha-céu todo de vidro. Seguimos para o alto, para um escritório de advocacia todo decorado em linhas retas verticais, passando força e distinção, onde se desenvolve uma cena que demonstra o profissionalismo do casal de advogados criminalistas, Benjamin e Lumiar. Percebe-se, também, uma ética amorosa que não costumamos ver na representação de tramas que envolvem a justiça e os tribunais<sup>[5]</sup>.

De volta ao chão da realidade, os ambulantes são avisados da chegada da fiscalização e começam a esconder suas mercadorias. Bruna demonstra insatisfação por viver nessa insegurança e Sol dá a pista de que sua filha Jenifer Daiane (Bella Campos) vai ajudar a legalizar o negócio delas. Descobrimos pelo diálogo que sua filha é estudante de direito e que vai estudar numa faculdade frequentada por uma classe mais alta, como os *playboys* que frequentavam o baile funk da época delas. Planta-se aí uma questão de classe que marcou a juventude delas e uma confiança na filha (“que por sorte tem a cabeça muito melhor que a nossa”), algo também pouco

comum de se ver expressado em tela. O habitual é a apresentação de famílias disfuncionais, como se as relações familiares amorosas não dessem ibope, mas essa escolha traz consequências, como alerta hooks:

Quanto mais se põe atenção em laços disfuncionais, mais a mensagem de que famílias são todas um pouco ferradas se torna o senso comum, mais popular se torna a ideia de que famílias são assim mesmo. [...] somos encorajados a acreditar que os excessos da família são normais, e que anormal é acreditar que alguém possa ter uma família funcional, amorosa. (2021, p. 148)

Na próxima sequência, a “benção de filha” (e que não é contrariada ao longo da novela, como ocorre no estereótipo das relações entre mães e filhas) é apresentada por meio de fotos e imagens de rede social ao lado de sua amiga, Kate Cristina, interpretada por Clara Moneke - outra dupla de mulheres negras melhores amigas. Kate chega na laje, com cerveja na mão, para uma confraternização da entrada de Jeni no “melhor curso de direito do país”. Kate brinca sobre sua preocupação com o fato de que Jeni não tem nem figurino para chegar no primeiro dia de aula no Instituto que recebe também uma influencer famosa. Elas vivem em Piedade, subúrbio do Rio de Janeiro.

Em contraste, do outro lado da cidade, Lumiar comemora seu aniversário, também rodeada de amigos, e com o marido Ben/Benjamin, que também nos leva a um *flashback* do baile funk. Ele, um homem negro, é responsável por levar os amigos da zona sul para os bailes, argumentando que “para mudar o mundo, é preciso conhecer o mundo”. Sol está no palco dançando e cantando com o DJ, como a princesa do baile. O grupo de amigos na mesa de jantar traz Ben de volta, que admirava imóvel a princesa, nas suas lembranças, plantando um ideal de amor romântico interrompido na juventude.

Nesse grupo, Theo é apresentado como aquele amigo gozador, arrogante, que faz piadas de mau gosto e debocha de todas as situações. Por exemplo, quando o grupo se questiona como estará, hoje em dia, a princesa do baile, ele diz: “Barangou, com certeza! Deve estar com 16 filhos, 90 kg e cinco dentes”. Todos demonstram incômodo e ele complementa: “Ah, gente, eu tô falando a realidade. Vocês querem que eu minta? Eu minto então, pronto: tava lá no baile, conheceu um gringo, deu o golpe da barriga, agora tá bebendo champanhe em Paris numa cobertura, final feliz”. E a cena se conclui com outro amigo falando “Cala a boca, cara!” Trocando em miúdos, é o típico homem cis, branco, hetero, machista, racista, homofóbico, gordofóbico, dentre outros fóbicos que poderíamos acrescentar, que está em voga na política brasileira. Este personagem é o grande vilão da história. Na cosmopercepção afroperspectivista, como apresentada por Nogueira (2020), uma pessoa amarga.

No último capítulo, episódio 179, há um diálogo muito pedagógico sobre a tomada de consciência do personagem Ben em relação ao (des)amor em uma amizade:

[Theo] A gente se amava, Benjamin.  
 [Ben] Essa foi a maior mentira de nossa juventude.  
 [Theo] A gente era irmão.  
 [Ben] Irmão? Que irmão que humilha o outro?  
 [Theo] Quando foi que eu humilhei você?  
 [Ben] Quando você fazia piada racista, por exemplo. Dizia que podia porque tinha amigo preto, eu, no caso.  
 [Theo] Você ria junto, Benjamin.  
 [Ben] Claro! Eu demorei muito tempo para entender que aquilo era defesa, mas aquilo já me humilhava. Eu tinha medo de não ser aceito, de não entrar para a turma.  
 [Theo] Ah, Benjamin! (risos)

Ainda continuando o diálogo, após trocas de acusações sobre a relação de favores durante a juventude, Ben complementa: “Isso parece ingênuo hoje, parece. Mas já estava errado, Theo. O tempo passou e você não melhorou. Pelo contrário, você só piorou”. Tal referência ao diálogo sobre amizade pode parecer ingênua também, mas demonstra que as relações em sociedade já estão erradas nas esferas mais íntimas, celulares, pois quem não conhece um suposto amigo (de amigo, que seja), capaz de travar um diálogo semelhante ao de Theo na comemoração de aniversário de Lumiar? Se levarmos essa questão interpessoal para o contexto macropolítico, e parodiando uma fala de hooks já citada, imagine quão mais fácil seria escolher representantes políticos se começássemos sabendo selecionar as amizades verdadeiras, aquelas imbuídas de carinho, respeito e que estimulam o crescimento mútuo.

O contraste da estrutura da trama está evidente do primeiro ao último capítulo: amizades amorosas versus amizades tóxicas. Esse contraste, algo tão presente nas vidas das pessoas comuns, mobilizará os conflitos da novela. O desequilíbrio de Sol, que percorre muitos capítulos entre a implosão e a explosão, surge junto de uma mentira, por mais que tenha sido fruto de uma escolha de proteção da filha. No percurso da novela, desvela-se que a filha Jenifer Daiane é fruto de um estupro cometido por Theo. Sua paternidade era o maior segredo de Sol, só compartilhado com a amiga Bruna por quase duas décadas, para que a filha não soubesse sobre seu progenitor.

É importante ressaltar que por mais que pareça piegas, tal compromisso, de apoio e fortalecimento de ambas diante de seus respectivos conflitos, é fundamental quando pensamos no contexto social das (não) relações amorosas das mulheres negras. Como diz Djamilia Ribeiro no prefácio do livro *Por que amamos*:

[...] uma pesquisa do IBGE mostra que as mulheres negras são as que mais se encontram no chamado “celibato definitivo”, que nunca viveram com cônjuge. A própria ideia de “sensualidade” imposta às mulheres negras pode fazer com que elas não sejam vistas como pessoas a serem amadas, mas apenas objeto de relações casuais e esporádicas. (RIBEIRO, 2020, p.14)

Outra dimensão do sofrimento das mulheres negras podemos verificar pelo resultado de um estudo recente (2023), realizado pelo laboratório Genera e publicado pela *Folha de São Paulo*.

Nele, evidenciou-se que a linhagem materna das brasileiras e brasileiros é, predominantemente, africana e indígena, enquanto a linhagem paterna concentra 80% de códigos genéticos comuns na Europa<sup>[6]</sup>. Ou seja, um contexto propiciado pela cultura do estupro que vem sendo naturalizada desde a colonização. De certa maneira, a novela aborda ambas as questões por meio de Sol, Bruna e Kate.

Portanto, há que se celebrar as amizades amorosas entre as mulheres negras dessa novela, pois, segundo hooks: “Amizades amorosas nos dão espaço para experimentarmos a alegria da comunidade num relacionamento em que aprendemos a processar todos os nossos problemas, a lidar com diferenças e conflitos enquanto nos mantemos vinculados”. (2021, p. 166) Essa amizade possui uma relevância tão grande na trama, que estampa o pôster de divulgação da novela e a capa no *streaming* da globoplay.



FIGURA 1: Pôster de divulgação da novela

Fonte: Wikipédia<sup>[7]</sup>

No pôster estão Marlene da Silva (Elisa Lucinda, a mãe), Sol e Bruna, três mulheres negras que batalham por suas vidas com uma ética amorosa exemplar. Bruna e sua filha Kate são

como extensões da família de Sol, mães melhores amigas, assim como suas filhas, que foram criadas juntas. A amizade tem tanta visibilidade na trama (embora não apareça nas sinopses), que Bruna e Kate não existem apenas como instrumento para conhecermos as protagonistas, elas possuem todo um arco dramático desenvolvido ao longo da narrativa, com conflitos próprios e podemos testemunhar o quanto as amigas contribuem para o crescimento umas das outras. Como exemplificação, o capítulo 158 parece ter sido dedicado à amizade de Sol e Bruna. No início (01':00), temos uma conversa muito sensível entre as duas em casa, com Sol dando suporte a Bruna diante das angústias pelas transformações ocorridas em função da vivência do climatério, enquanto no final do capítulo (34':20) há outra conversa emotiva, com Sol dando apoio à amiga, que está desesperada com a prisão da filha Kate. Neste momento, Bruna diz em um plano: "você sempre do meu lado, né?", enquanto Sol responde em contra-plano "Como você sempre esteve do meu", mas já com a imagem das duas jovens, fazendo um jogo entre passado e presente, frequente em toda novela.



FIGURAS 2 E 3: Prints de cenas do capítulo 158

Fonte: Globoplay

Já Kate foi a personagem que ganhou mais destaque com o público e fez até uma participação na série *Encantado's*<sup>[8]</sup>. A amizade dela e de Jeni é tão valorosa que mesmo Jeni começando a se relacionar com um ex-namorado de Kate isso não representou um conflito entre elas na trama. Essa intimidade pode ser percebida não apenas pelos diálogos e sentimentos expressos em palavras, como no último capítulo com o depoimento da família (estendida) reunida, elogiando Sol no programa *Fátima Bernardes Show*<sup>[9]</sup>, mas também em gestos e expressões corporais que demonstram cumplicidade, graça e reconhecimento. A cena de preparação do casamento, com todas falando eufóricas, ao mesmo tempo, é exemplar.



FIGURA 4: Print da cena de preparação da noiva

Fonte: Globoplay

Esse amor entre as amigas é tão presente e pedagógico, que reverbera em todas as relações, como diz hooks: “Amizades satisfatórias nas quais compartilhamos amor mútuo nos oferecem um guia de comportamento para outras relações, incluindo as românticas. Elas dão a nós todos uma maneira de conhecer a comunidade” (2021, p. 170).

Várias cenas de um amor amigo de extremo cuidado chamaram a atenção ao longo da jornada da novela. Destaco um último exemplo entre Bruna e Marlene (mais uma vez, reforçando a ideia de Bruna ser parte da família de Sol): quando a primeira encarregou-se de elevar a autoestima da segunda, estimulando-a a gostar do seu próprio cabelo, aprendendo a lidar com a alopecia<sup>[10]</sup> e libertando seu cabelo *black*, o que marcou a mudança da personagem de Elisa Lucinda, que passou do (re)autoconhecimento para abertura à uma nova relação amorosa.

No próximo tópico abordaremos como essa ética de uma amizade amorosa se revela pela linguagem. A partir de uma análise imanentista, somada a informações externas, observa-se como a música é um elemento central na narrativa e na expressividade dessa teledramaturgia, bem como uma estratégia de linguagem para promover novas práticas libertadoras, como a valorização do *black*, também, por meio da *black music*.

## LINGUAGEM NARRATIVA E EXPRESSIVA PERMEADAS PELA MÚSICA

Essa trama baseada em gestos cotidianos, que acompanha a vida de trabalhadores das periferias do Brasil, de uma perspectiva amorosa, com um caráter comunitário e que contempla a diversidade, pode ser observada já pela abertura da novela, que é uma abertura plural, construída a partir de imagens das mais de 90 afiliadas da TV Globo espalhadas pelo país. A música no ritmo R&B, remetendo aos bailes charme, é do rapper MC Liro, que foi convidado pela própria Rosane Svartmann, no instagram, para cantar ao lado de Negra Li<sup>[11]</sup>. Para a cantora, sua voz estar, pela primeira vez, na abertura da novela foi uma homenagem e reconhecimento de seus 25 anos de carreira, pois a personagem da Sol foi inspirada na história de vida de Negra Li (rapper, mãe e evangélica, além de cantora, compositora e atriz brasileira), que chegou a fazer o teste de elenco, mas o papel ficou com a atriz Sheron Menezes.

“Com muita coragem, a gente tá de pé” (VAI [...], 2021). Despertador cedinho, café passando no coador de pano, deslocamentos de trabalhadores, incluindo operários, executivos, indígenas e mulheres negras, seja em metrô, ônibus, trem, seja andando em calçadas. Abertura de comércios. Imagens de periferias de diversos lugares, como o centro de Salvador marcado pelo elevador Lacerda e uma carrocinha de garrafas de café (tipicamente soteropolitana). Vida-lazer: brincadeiras na piscina de plástico, banho de mangueira, rede de pesca. Alimentos expostos na feira, comidas sendo preparadas nas cozinhas, refeições arrumadas em quentinhas. Família negra, mãe beija e abençoa um filho. “Nossa voz vai ecoar, o brilho iluminar, em todo canto, em todo lugar” (VAI [...], 2021). Imagens de povos originários, imagens da cidade e do ambiente rural, das diversidades de corpos e lugares. Futebol e dança. Churrasco na laje e celebrações do arco-íris.

Em síntese, cenas de um despertar da cidade, valorizando o cotidiano do trabalhador. Tal descrição remete ao filme *Um homem com a câmera* (Dziga Vertov, 1929). Não apenas pelo conteúdo em si, mas pelo que Vertov defendia em termos de construção do filme, como uma rede de colaboradores, artistas-operários, com altas doses de reflexividade, mas, neste caso, para pensar a produção das telenovelas, do audiovisual e da música popular<sup>[12]</sup>. A relação se mantém quando pensamos que o único campo artístico, que Vertov permitia a aproximação do cinema, era o campo da música, negando a relação com o teatro e a literatura.

*Vai na fé* flerta com a música de diferentes maneiras. A primeira delas é devido ao fato de que dois personagens são cantores e foram inspirados em cantores da vida real: a Sol é cantora no coral da Igreja e, ao longo da novela, constrói sua carreira de cantora de sucesso, sendo inspirada na Negra Li, como já dito; já o personagem de Lui Lorenzo começa sua vida de cantor de música pop como seu ídolo e inspiração Lulu Santos, ainda criança, mas a composição do personagem é inspirada em outras referências, como o símbolo do “amante latino” Sidney Magal.

Como estratégia de divulgação e marketing, o cantor fictício, interpretado por José Loreto, lança um álbum completo de músicas antes da estreia da novela e até faz participação no trio pipoca da Ivete Sangalo, no carnaval de Salvador, transmitido pela rede Globo e pela afiliada rede Bahia.

No primeiro capítulo, já conhecemos Lui Lorenzo e seu produtor Vitinho, amigo antigo de Sol com quem formava junto com a Bruna o trio do poder. Sol chega com as quentinhas encomendadas, após a clássica cena de filmes hollywoodianos da atriz caminhando no meio da multidão urbana, vista em destaque por meio de uma teleobjetiva, novamente com sua música tema *Hello, sunshine* (1968). Porém, aqui, ela caminha demonstrando a dificuldade de carregar as quentinhas e cumprimenta educada e desastradamente o segurança. Um plano sequência nos revela os bastidores da casa de show, junto com Sol, que se deslumbra na presença do astro do pop, Lui Lorenzo. Uma das dançarinas acaba de ser demitida, o que faz com que Sol seja convidada por Vitinho, para substituí-la por, ao menos, um show, já que está feliz em rever a antiga amiga e confiante de seu talento como princesinha do baile. Esta abordagem remete aos musicais de bastidores, como *Cabaret* (Bob Fosse, 1972), com Liza Minnelli, e muitos outros exemplos na história do cinema musical. Porém, a novela apresenta, também, outras abordagens que se desenvolveram ao longo da tradição da união cinema e música.

A partir de 1927, com o advento do filme sonoro, centenas de filmes musicais foram realizados e a relação entre cinema e música ficou notória. No entanto, essa união se consolidou com uma fórmula de sucesso, conformando um gênero considerado o mais escapista de todos que o cinema já criou – as comédias musicais. Trata-se de um rótulo que ganhou força nas décadas de 1930 e 1940, com tramas açucaradas, porém, desde o início houve exceções e brechas, como essas:

No início, houve umas experiências que fugiam desse modelo, como *Hallelujah!* (King Vidor, 1929), um dos primeiros filmes realizados por um grande estúdio (MGM), com um elenco formado por pessoas negras. Nele, as entradas das músicas eram justificadas pelo estilo de vida dos personagens que cantavam o jazz como manifestação de seus sentimentos, celebração, oração ou lamento da perda de um ente querido. Ou *Aplauso* (Rouben Mamoulian, 1929), um musical de bastidores que trata da decadência de uma estrela do teatro burlesco em tom melancólico. (NUNES, 2009, p.53)

Em ambos os filmes o destaque está na música e na emoção evocada por ela, assim como ocorre em *Vai na fé* e já ocorreu, também, na novela *Meu pedacinho de chão*<sup>[13]</sup> - a música surge como instrumento narrativo, contando a história, dando nuances e levando poesia para a vida comum. No entanto, as duas novelas se distanciam, fortemente, no tipo de representação. Enquanto *Meu pedacinho de chão* investe em uma *mise-en-scène* não naturalista, com cores fortes, uma direção de arte rica e extravagante, *Vai na fé* prima por uma representação naturalista, com personagens e ambientes que poderíamos encontrar na esquina da vida real, mesmo os mais caricatos, como o Lui Lorenzo. Ou seja, “novelas musicais” muito distintas.

Em *Vai na fé*, montagens musicais surgem em momentos inesperados, ora unindo diversos personagens, que nos seus gestos cotidianos cantam a mesma música, demonstrando que todos estão interligados, como na filosofia ubuntu (se você puxa um galho de uma árvore, você mexe na árvore como um todo); ora presente em situações conflitantes, como no capítulo final em que ocorre o diálogo entre Theo e Ben, com o primeiro ateando fogo no lugar – tudo é falado e mostrado com Theo cantarolando a música *Para dizer adeus*, da banda Titãs: “É cedo, ou tarde demais para dizer adeus, para dizer jamais...”.

A estratégia do musical contribui para dar leveza à novela quando a trama começa a ficar mais densa, tratando de assuntos duros e violentos, como estupro, visto que o cinema musical é, tradicionalmente, relacionado à comédia. Contudo, Bakhtin (2008) já nos alertou para o quanto que a cultura do riso não era (e ainda não é) valorizada e o quanto, na verdade, é ambivalente, podendo carregar consigo um caráter subversivo do popular, quando se opõe ao tom sério da cultura oficial. Podemos fazer o mesmo paralelo com as novelas, especialmente do horário das sete horas (destinado a tramas mais leves, para a juventude ou toda a família), como *Vai na fé*, que pode apresentar muitas matizes dentro do universo da comédia musical.

*Vai na fé* faz uso, então, de números musicais de seus personagens se apresentando, aborda os bastidores de shows e emprega a música como um instrumento narrativo, que conecta dois personagens ou mais, diferentes contextos, por meio de uma montagem musical fluida, que demonstra a cosmopercepção afroperspectivista da vida, como descrito por Nogueira:

a pensadora nigeriana Oyeronke Oyewumi nos lembra de que, diferentemente da lógica ocidental, perceber a realidade não passa somente pelo campo da visão. Ou seja, nem todas as ferramentas narrativas são escritas. Também precisamos usar nossa voz e, mais do que isso, gestos, cheiros, toques e vestes. A palavra nos ajuda a organizar o mundo dos sentidos, o que, por consequência, gera efeitos no ambiente ao nosso redor. (2020, p.37)

Em outros termos, a novela aborda o ordinário, mas faz dela algo extraordinário por meio de sua linguagem que amplia nossa percepção e auxilia a organizar o mundo em outro modo de existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio em que arrisca-se uma escrita mais livre e subjetiva, buscou-se defender a relevância de se apresentar, discutir e fruir o amor nas produções audiovisuais, como uma forma de exercício político fundamental para transformarmos a sociedade.

A partir da novela *Vai na fé*, faz-se um recorte sobre relações de amizades amorosas, atravessadas por uma questão racial. Obviamente, não se pretendeu esgotar esse tema aqui e não se levou em consideração outros olhares, como por exemplo, para as personagens LGBTQIA+ que sofreram vários golpes com cortes de cenas de beijos ao longo de toda a novela. Ou mesmo questões raciais de bastidores, já que a equipe de profissionais não reproduziu o perfil do elenco, majoritariamente, negro.

Consciente dessas ressalvas, seguiu-se o percurso de encantamento com as amizades entre as mulheres negras da trama. Tanto bell hooks, quanto Renato Nogueira, principais fontes teóricas que contribuem para esta reflexão, são ativistas negros que nos ensinam a transgredir por uma via amorosa, e que veem o potencial libertador da educação, quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar.

A teledramaturgia tem esse poder pedagógico de afetar um público muito expressivo, não apenas pela lógica racional, mas pela lógica do sensível, passando pelo corpo, evidenciando uma outra relação com o estar no mundo, de comprometimento, com uma (po)ética do bem-viver. Tal (po)ética começa pelas relações de amizade, que cultivam gestos de carinho, respeito, responsabilidade e têm o compromisso com o próprio crescimento espiritual e do outro. Essas relações privadas podem nos ajudar a moldar todas as outras relações da esfera pública.

As relações de amizade são tema central na novela *Vai na fé*, que perpassa todos os personagens, mas destacou-se aqui o papel das amizades entre mulheres negras, pois estas são práticas da liberdade de toda uma construção histórica perversa de falta e de violência. Sol e Bruna, mas também Marlene, Jeni e Kate louvam suas ancestrais que viveram em carne e osso, mas vão além, proporcionando um novo legado para a futuridade.

Aproximando esse amor amigo do amor romântico, como disse a mãe Ana de Oyá (Valdinéia Soriano) que celebrou o casamento inter-religioso de Sol e Ben (unindo fundamentos da igreja evangélica e do candomblé na mesma cerimônia):

Essa não é apenas a celebração de união de um homem e uma mulher, porque o amor de Benjamin e Solange é também a realização do sonho dos nossos ancestrais. Por esse amor, eles lutaram. Por esse amor, eles seguem vivos. Vocês são parte de uma grande história que é o nosso legado aqui no aiê, aqui nessa terra.

Outro legado importante da cultura negra aqui no aiê é sua potência musical. Como nossa análise revelou, a música teve um papel fundamental na construção dessa linguagem narrativa e expressiva da amorosidade, em diferentes dimensões, seja através da *black music*, seja através de uma linguagem do cinema musical. Sendo assim, não poderia faltar muita música no último capítulo, com a presença da Negra Li cantando na festa de casamento do casal Sol e Ben. *Vai na fé* seguirá como um legado para novas gerações de mulheres negras, glamorosas e poderosas. “Graça e paz”, como Sol sempre se despede.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

\_\_\_\_\_. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

NOGUERA, Renato. *Como cultivar os afetos*. Vídeo do Canal do Noguera, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/Ej5oTXCVUnw?si=ynd54tnVGZ0Q5DWy>

\_\_\_\_\_. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

\_\_\_\_\_. *Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista*. Revista da ABPN. v. 3, n. 6. nov. 2011 – fev. 2012, p. 147-150.

NUNES, Ana Paula. *Práticas de leitura fílmica em contexto escolar: três análises de paratextos fílmicos pedagógicos*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

\_\_\_\_\_. *Cinema, dança, videodança: entre-linguagens*. Dissertação (Mestrado) –

Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2009.

RIBEIRO, Djamila. Prefácio. In: NOGUERA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

SILVA, Silvane. Prefácio. In: hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.

VAI dar certo (Vai na fé). Intérprete: Negra Li. Compositor: MC Liro; DJ GM. In: *Vai na fé – trilha sonora oficial*. Rio de Janeiro: TV Globo, 2021. (1 min.55seg.)

- 
- [1] Escrita por Rosane Svartmann, a novela tem direção artística de Paulo Silvestrini, direção geral de Cristiano Marques e direção de Isabella Teixeira, Juh Almeida, Augusto Lana e Matheus Senra. A obra é escrita com Mário Viana, Pedro Alvarenga, Renata Corrêa, Renata Sofia, Sabrina Rosa e Fabricio Santiago, e a pesquisa é de Paula Teixeira. Exibida pela Rede Globo, entre janeiro e agosto de 2023.
- [2] Referência à música *O que é o amor?* (2007), do músico e compositor Arlindo Cruz, em que diz: “Até hoje ninguém conseguiu definir o que é o amor”.
- [3] Desde a Operação Lava Jato (2014-2021) - uma série de investigações que ocorreu no cenário político-econômico brasileiro, com o objetivo de combate à corrupção e que culminou na prisão abusiva do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, cuja candidatura liderava a disputa pela presidência naquela altura, e na consequente eleição de Jair Bolsonaro (2019-2022), o qual decretou o fim da operação - vimos crescer o estado de medo e o cultivo do ódio potencializado pelas fake news, junto da crise político-econômica no país. Vive-se desde o fantasioso medo do comunismo (sim, estamos no século XXI vivendo em looping) até o mais concreto medo da violência e da milícia, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, onde se passa a trama.
- [4] Este percurso metodológico é fundamentado teoricamente no segundo capítulo da tese da autora, intitulado *Análise fílmica como exercício pedagógico* (NUNES, 2016), em que se justifica, a partir de uma ampla revisão bibliográfica, a importância da análise textual para os estudos de cinema e audiovisual, bem como para esta investigação, como um pano de fundo metodológico, podendo (e devendo) estar associado a outros procedimentos e instrumentos de análise ligados a diferentes orientações teóricas.
- [5] Ao longo de toda novela, buscam expressar práticas de advocacia que coadunem com uma ética amorosa, visto que Lumiar é professora universitária e Ben também contribui criando um projeto de extensão de aquilombamento dos estudantes negros, que se dedicam a defender casos de injustiça racial que foram julgados erroneamente, auxiliando negros e negras a terem um novo julgamento para provarem suas inocências.
- [6] Cf. MUNDO NEGRO. Estudo mostra que linhagem materna do brasileiro é predominantemente africana e indígena. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/estudo-mostra-que-linhagem-materna-do-brasileiro-e-predominantemente-africana-e-indigena/>
- [7] Cf. Wikipédia – enciclopédia livre. Vai na Fé. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vai\\_na\\_F%C3%A9#/media/Ficheiro:P%C3%B4ster\\_Vai\\_na\\_F%C3%A9\\_TV\\_Globo.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vai_na_F%C3%A9#/media/Ficheiro:P%C3%B4ster_Vai_na_F%C3%A9_TV_Globo.jpg)
- [8] *Encantado's* é uma série de comédia da TV Globo, disponível na plataforma de streaming da Globoplay, criada por Renata Andrade e Thais Pontes. Nos papéis principais: Luís Miranda, Vilma Melo, Evelyn Castro, Tony Ramos, Neusa Borges e Dandara Mariana. Ou seja, um elenco majoritariamente negro também.
- [9] O programa fictício faz referência ao programa *Encontro*, que já foi comandado pela apresentadora Fátima Bernardes durante 10 anos (2012-2022).
- [10] Doença inflamatória que provoca a queda de cabelo criando falhas/ buracos no couro cabeludo.
- [11] Cf. TV GLOBO. *Negra Li e MC Liro* mostram os bastidores da música tema de *Vai na fé*. Disponível em: [https://youtu.be/Kg6v-M57RTk?si=3yi4crpsOrhitZzK\\_](https://youtu.be/Kg6v-M57RTk?si=3yi4crpsOrhitZzK_)

- [12] A novela explora de forma muito criativa a reflexividade das construções da teledramaturgia brasileira, do cinema e do showbusiness.
- [13] É uma regravação da novela original escrita por Benedito Ruy Barbosa em 1971, agora com colaboração de Edilene Barbosa e Marcos Barbosa, com direção artística de Luiz Fernando Carvalho. Exibida pela Rede Globo, entre abril e agosto de 2014.